

## Editorial

Ao longo de seus mais de 40 anos de existência, o Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ desenvolveu uma longa tradição de pesquisas que envolvem o Rio de Janeiro. Lysia Bernardes, Maria do Carmo Corrêa Galvão, Maria Therezinha Segadas e Maurício de Almeida Abreu foram alguns dos mestres que deixaram um importante legado de ensino e pesquisa sobre a cidade do Rio de Janeiro e sua região a partir de diferentes abordagens teórico-metodológicas, mas sempre partindo do olhar geográfico. Hoje, dentro e fora deste Programa, esses estudos se ampliaram e se difundiram, acompanhando a própria transformação metodológica e diversificação de abordagens que o conhecimento geográfico viveu nos últimos anos. Os estudos geográficos sobre a cidade do Rio de Janeiro compõem na atualidade um leque variado e multifacetado de olhares, abordagens e metodologias que torna uma tarefa quase impossível se traçar um panorama conciso.

No ano em que o Rio de Janeiro comemora seus 450 anos, lançamos uma chamada pública para uma edição que pudesse reunir diferentes olhares sobre a cidade. Longe de tentar comemorar acriticamente uma efeméride, entendemos que se tratava de um momento oportuno para reunião de diferentes análises e pontos de vista sobre os diferentes aspectos que compõem a cidade a partir de um olhar espacial. Da mesma forma, longe de esgotar a variedade temática e de abordagens, os artigos que resultaram dessa chamada são reveladores da riqueza atual de interpretações sobre diversos temas que remetem ao conhecimento geográfico sobre a cidade do Rio de Janeiro. Assim, os nove artigos selecionados remetem, antes de mais nada, à pluralidade, e têm o Rio de Janeiro e suas questões espaciais como eixo agregador.

Este volume é aberto pelo artigo de Paulo Cesar da Costa Gomes, que analisa como imagens participam da construção de um discurso sobre o espaço e revela o papel dos mirantes nesse processo. Com a constatação de ser o Rio de Janeiro um local privilegiado por uma grande quantidade de mirantes que produzem um discurso sobre a cidade e analisando-os a partir de ideias como ponto de vista, composição, enquadramento e imagem, o autor lança luz sobre aspectos pouco estudados do papel do olhar e da visibilidade para pensar a cidade.

Demonstrando outras formas e estratégias de construção de discursos sobre a cidade, a partir de outros espaços, Diogo da Silva Cardoso nos mostra a movimentação existente na Zona Oeste carioca na construção de espaços musicais e culturais para além das visões consagradas e dos espaços privilegiados da cidade. Tal movimento, difuso e polivocal, ao mesmo tempo em que se coloca como um contraponto ao regime de esquecimento da memória ao qual esses espaços tem sido submetidos, também coloca questões sobre a construção da identidade carioca e a forma como esta é vivida e construída por diferentes grupos.

Marcos Paulo Ferreira de Góis nos proporciona uma análise sobre o lugar social da noite no Rio de Janeiro capital entre as décadas de 1760 e 1950. O autor analisa os usos e sentidos do espaço público à noite num período de quase duzentos anos a partir de

uma periodização dividida em quatro momentos. Com este trabalho, aponta para três grandes dimensões associadas à vida noturna no Rio de Janeiro: a vigilância técnica através da iluminação dos espaços públicos, práticas e comportamentos sociais e, por fim, os lugares que tiveram maior visibilidade durante o período noturno.

A noite carioca também é objeto de outro artigo, dessa vez concentrado sobre um local específico da cidade. O artigo de André Felix de Souza analisa as sociabilidades presentes no bairro da Lapa à noite, tomado a partir de sua centralidade do lazer noturno na cidade do Rio de Janeiro. Partindo da teoria das localidades centrais, André Félix de Souza nos mostra como, a partir dos anos 1990, a Lapa se constituiu como um lugar central da noite carioca, atraindo um público diverso e oriundo de diferentes partes da cidade. Com este estudo, conjuga muito bem uma teoria e modelo clássicos da geografia com uma interessante abordagem acerca das sociabilidades urbanas e sua relação com o espaço.

Um outro olhar sobre a ideia de centralidade, agora com ênfase nos seus aspectos simbólicos, é lançado por Renan Caldas Galhardo Azevedo e Nilton Abranches Júnior, que analisam como as transformações de uso de um espaço, uma fábrica de tecidos transformada em shopping center, provocou transformações simbólicas. A centralidade fabril da Cia. Nova América como local de trabalho no subúrbio carioca foi substituída nos anos 1990 pela centralidade do comércio, serviço e lazer, quando seu prédio é transformado em um shopping center. Neste estudo, os autores investigam o conjunto de normas e regras que procuram dirigir comportamentos nos dois momentos daquele espaço e sua relação com os símbolos e ideias que tentam difundir.

No artigo sobre o êxodo rural chinês no subúrbio carioca, Paulo Victor Macedo busca as razões para a corrente migratória recente de chineses que se estabelecem principalmente na zona suburbana do Rio de Janeiro. O contexto chinês de expulsão desses migrantes, as redes sociais que estruturam a cadeia migratória, assim como as características e perfil desse migrante que se instala na cidade são analisados pelo autor.

O artigo de Angelo Ferreira de Almeida, Amanda Pereira de Lima Pimentel e Caroline Silva analisa a expansão da malha metroviária do Rio de Janeiro, suas representações e conflitos a partir do olhar dos usuários e da população atingida. As entrevistas realizadas com usuários atuais do sistema e os moradores do Leblon, um dos bairros que seriam alcançados pela expansão, provocam uma análise das expectativas e de como diferentes grupos se posicionam diante de questões relacionadas à mobilidade, espaço público e convivência com o outro no espaço.

As salas de cinema no espaço carioca são o objeto de análise do artigo de Raquel Gomes de Sousa. A dinâmica espacial dos cinemas no subúrbio carioca é estudada a partir de um recorte que identifica três períodos principais: 1905-1934, 1935-1984 e 1985-1994. A autora analisa as razões da localização espacial dos cinemas em cada um desses períodos, sua expansão e retração, associados à própria dinâmica de transformações urbanas pelas quais passa o Rio de Janeiro no período estudado.

Fechando esse volume, o artigo de Véronique Zamant oferece uma análise importante sobre o recente processo de patrimonialização da paisagem carioca e as estratégias e atores envolvidos para a inscrição de partes da cidade na Lista de Patrimônio Mundial da Unesco. Com uma análise que concilia etnografia e interpretação da produção de dis-

cursos espaciais, a partir de um estudo sobre todo o processo de candidatura que levou uma década, a autora aponta para o conjunto de ações e atores envolvidos, em diferentes escalas de interesse, da global à local, e como isso levou a determinadas escolhas e leituras do tecido urbano carioca. Sua análise nos mostra a série de dualidades presentes no processo e como a candidatura para a Unesco é, ao mesmo tempo, um instrumento de defesa contra a globalização, mas também um produto dessa mesma globalização.

Com esses artigos, entendemos que a revista cumpre com os objetivos da chamada pública que realizou, trazendo à baila parte da diversidade de estudos sobre a cidade do Rio de Janeiro que partem de uma interpretação espacial. Os artigos aceitos para publicação revelam a multiplicidade de objetos e do olhar geográfico sobre a cidade do Rio de Janeiro na contemporaneidade. Mirantes, sociabilidades e espacialidades noturnas, patrimonialização, paisagens, migração, centralidades, transporte, espaço e símbolos compõem apenas uma pequena parte de objetos e abordagens que a geografia pode oferecer sobre a cidade do Rio de Janeiro, mas deixam ao leitor uma visão de quão rico e diverso pode ser hoje a produção do conhecimento geográfico sobre esta cidade que completa quatro séculos e meio.

Os Editores